

7º DOMINGO DE PÁSCOA

17 DE MAIO DE 2026

JOÃO 17.1–11

1 TEMA DO DIA

Este Domingo ocupa um lugar singular no calendário litúrgico: Cristo já ascendeu, mas o Espírito ainda não desceu. A igreja vive no intervalo. Não é abandono, é espera ordenada.

Há um fio condutor que une as leituras deste domingo: a igreja vive no mundo em meio ao sofrimento, muitas vezes marcada por fraqueza, medo e incerteza, mas é sustentada pela ação de Deus e pela intercessão de Cristo.

O Salmo 68 apresenta Deus como aquele que se levanta para agir, derrotando seus inimigos e sustentando seu povo, especialmente os fracos e desamparados. Sua vitória não é distante, mas se manifesta concretamente na preservação dos seus, justamente quando parecem mais vulneráveis.

Em Atos 1, a igreja se encontra entre a Ascensão e Pentecostes. Cristo já foi exaltado e ascendeu ao céu, não estando mais visivelmente presente entre os discípulos. Isso cria uma tensão: a ausência visível de Cristo poderia gerar medo, dúvida e desorientação. Mesmo assim, a igreja permanece reunida, perseverando na oração e na Palavra. A substituição de Judas mostra que a obra de Deus não depende da estabilidade humana, marcada por queda e infidelidade, mas da fidelidade divina, que preserva sua igreja apesar de seus fracassos.

Na Epístola, Pedro exorta os cristãos a não estranharem o sofrimento. Ele não é sinal de abandono. Ainda que o coração muitas vezes interprete a dor como ausência de Deus, ela é, na verdade, participação nos sofrimentos de Cristo. A igreja é chamada a viver essa realidade não em desespero, mas em fé, sabendo que Deus resiste ao soberbo, mas dá graça ao humilde.

O Evangelho, João 17, revela o fundamento de tudo isso: Cristo ora por seus discípulos. Ele os envia ao mundo, um mundo hostil, marcado por oposição e sofrimento, mas não os abandona. Pelo contrário, pede ao Pai que os guarde. Aqui está o centro e o consolo: a igreja permanece porque Cristo intercede por ela. Ainda hoje, o Cristo exaltado ora por seu povo, para que não se perca.

2 TEXTOS DO DIA

2.1 Salmo 68.1–10

O salmo descreve Deus como Rei vitorioso que intervém na história. Ele dispersa seus inimigos e conduz seu povo com cuidado. Sua ação poderosa não é apenas juízo, mas também salvação. O Deus que reina é o mesmo que sustenta os necessitados.

2.2 Atos 1.12–26

A igreja vive o tempo da espera. Cristo não está mais visivelmente presente, mas sua promessa permanece. Os discípulos perseveraram em oração e são guiados pela Palavra. A escolha de Matias evidencia que o ministério apostólico continua sob a direção de Deus.

2.3 1 Pedro 4.12–19; 5.6–11

O sofrimento faz parte da vida cristã. Ele não deve causar estranheza, mas ser compreendido como participação nos sofrimentos de Cristo. Ao mesmo tempo, há promessa: Deus há de restaurar, fortalecer e firmar os seus.

2.4 João 17.1–11

Jesus ora ao Pai pouco antes de sua paixão. Ele interpreta sua própria morte como glorificação e intercede pelos discípulos, pedindo que sejam guardados no mundo.

3 APROFUNDAMENTO NA LEITURA DO EVANGELHO

A chamada oração sacerdotal revela Cristo como aquele que cumpre sua obra e intercede pelos seus.

Quando Jesus diz: “Pai, chegou a hora”, ele se refere ao momento culminante de sua missão. A cruz não é um acidente, mas o cumprimento da vontade do Pai. É ali que sua obra atinge seu objetivo.

Ao pedir: “glorifica teu Filho” (Jo 17.1), Cristo redefine o conceito de glória. A glorificação acontece na cruz. A humilhação e a exaltação não são opostas, mas inseparáveis. Na obediência até a morte, o Filho revela plenamente o Pai e realiza a salvação.

A autoridade dada a Cristo sobre toda carne tem um propósito específico: conceder vida eterna. Essa vida não é apenas futura, mas consiste em conhecer o Pai e o Filho. Trata-se de comunhão real com Deus, iniciada já no presente.

Ao afirmar que manifestou o nome do Pai, Jesus declara que revelou o próprio Deus. Os discípulos receberam essa palavra e, ao crerem, demonstram pertencer a ele. A igreja se caracteriza por receber e guardar a Palavra.

A distinção entre os discípulos e o mundo aparece na intercessão de Cristo. Ele ora por aqueles que permanecem no mundo, mas não pertencem a ele. Esses são enviados à missão, mas necessitam ser sustentados.

O ponto central da oração está no pedido: “Pai santo, guarda-os”(Jo 17.11). A preservação da igreja não depende dela mesma. Ela é obra de Deus. Os discípulos permaneceriam no mundo, cercados por oposição, mas seriam guardados pelo próprio Pai.

4 SUGESTÃO HOMILÉTICA

4.1 Tema: Guardados na Verdadeira Glória

4.2 Introdução

Vivemos em um tempo em que a glória é constantemente exibida. Ao abrir as redes sociais, vemos pessoas sorrindo, celebrando conquistas, mostrando realizações e vitórias. Tudo parece funcionar, tudo parece dar certo. Forma-se diante de nós a imagem de uma vida sem falhas, sem sofrimento, marcada por sucesso e

reconhecimento. Essa realidade nos atrai, desperta em nós o desejo de viver algo semelhante. Afinal, quem não quer uma vida assim? No entanto, pouco a pouco, esse desejo cresce, se aprofunda e passa a moldar o coração.

4.3 Problema

Esse movimento revela algo mais profundo. Quantas vezes queremos ser reconhecidos, admirados, colocados em destaque? Quantas vezes desejamos ser o centro? O que começa como simples admiração se transforma em comparação, depois em cobiça, e, por fim, em uma busca pela própria glória. Esse é o pecado que habita o coração humano. E ele não se limita à vida cotidiana, mas também invade a fé. Somos facilmente seduzidos por uma teologia da glória, que promete uma vida sem sofrimento, uma fé baseada em sucesso visível e um Deus que confirma nossos próprios desejos. No entanto, essa não é a realidade revelada por Cristo.

4.4 Solução

No Evangelho deste domingo, Jesus declara: “Pai, chegou a hora; glorifica teu Filho”. Mas a “hora” de que ele fala é a cruz. Aqui está o centro do Evangelho e o grande paradoxo: a glória de Cristo não é a ausência de sofrimento, mas precisamente a cruz. É ali que o Filho obedece ao Pai, carrega o pecado do mundo e realiza plenamente a obra da salvação. Cristo não busca sua própria exaltação segundo os critérios humanos; ele se entrega. Na cruz, a glória de Deus se revela de forma contrária a toda expectativa humana. Assim, Cristo confronta diretamente nossa busca por glória e revela o caminho da teologia da cruz.

4.5 Resultado

Essa verdade transforma a forma como compreendemos a vida cristã. Jesus já havia dito: “No mundo vocês terão aflições” (Jo 16.33). O sofrimento não é exceção, mas parte da vida do cristão. A igreja vive no mundo, em meio a dificuldades reais, mas não está abandonada. O próprio Cristo ora: “Pai, guarda-os”. Aqui está a grande segurança da igreja. Ela não permanece porque é forte ou porque consegue se sustentar por si mesma, mas porque Deus a guarda. Cristo intercede pelos seus e

continua sustentando sua igreja por meio de sua Palavra e dos seus meios de graça. A segurança da fé não está em nós, mas naquele que nos preserva.

4.6 Conclusão

O mundo continua oferecendo uma glória aparente, construída sobre reconhecimento, sucesso e visibilidade. Mas Cristo revela a verdadeira glória. Ele fez aquilo que nós não conseguimos fazer, cumprindo perfeitamente a vontade do Pai e realizando a nossa redenção. E, para ele, a glória foi a cruz. Por isso, em meio a um mundo que busca exaltação própria, a igreja vive de forma diferente. Ela não vive de aparência, mas de graça. Não vive de sucesso, mas de Cristo. E permanece firme porque pertence àquele que a guarda.

A verdadeira glória não está em nós, mas naquele que nos guarda.

Rev. Victor Rodrigues Hellwig
Eunápolis, BA